26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

MEDIAÇÃO CRÍTICA DOS AFETOS: UMA PRAXIOLOGIA DA BIBLIOTERAPIA CRÍTICA

CRITICAL MEDIATION OF AFFECTS: *A PRAXIOLOGY OF CRITICAL BIBLIOTHERAPY*

Karin Vanelli – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Daniella Camara Pizarro – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Que mediação sustenta o cuidado biblioterápico, e o que ela silencia? O trabalho examina os limites de uma racionalidade terapêutica orientada ao bem-estar e à regulação emocional na Biblioterapia, e interroga sua atenção ainda insuficiente às condições sociais e históricas de produção dos afetos. Objetiva reconstruir a mediação como núcleo praxiológico de uma Biblioterapia Crítica. Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e teórico-conceitual, crítico-reconstrutiva. O percurso analítico examina a racionalidade terapêutica caldiniana, mobiliza a crítica social de produção dos afetos e retoma a bibliopsicologia como prenúncio psicossociológico de mediação emancipatória e reconstrói a mediação biblioterápica com base nos estudos críticos informacionais. A análise evidencia uma gramática do apaziguamento que individualiza o sofrimento e reduz a leitura à recomposição subjetiva. Propõe-se uma formulação praxiológica da mediação crítica dos afetos, que articula os eixos fundamentais de uma Biblioterapia Crítica: horizonte emancipatório, historicização dos afetos, não reificação do cuidado, sustentação da negatividade e elaboração crítica da experiência às dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política da mediação consciente. Conclui-se que essa reconstrução desloca o cuidado da adaptação, para a emancipação.
Palavras-chave: biblioterapia crítica; mediação da informação; leitura; teoria crítica.

Abstract: What mediation sustains bibliotherapeutic care, and what does it silence? This article examines the limits of a therapeutic rationality oriented toward well-being and emotional regulation in Bibliotherapy and interrogates its still insufficient attention to the social and historical conditions of the social production of affects. It aims to reconstruct mediation as the praxiological core of Critical Bibliotherapy. This is a qualitative, bibliographic, and theoretical-conceptual, critical-reconstructive study. The analytical trajectory examines the therapeutic rationality articulated by Caldin, mobilizes the social critique of the social production of affects, revisits bibliopsychology as a psychosociological foreshadowing of emancipatory mediation, and reconstructs bibliotherapeutic mediation on the basis of critical

information studies. The analysis reveals a grammar of appeasement that individualizes suffering and reduces reading to subjective recomposition. A praxiological formulation of critical mediation of affects is proposed, articulating the fundamental axes of Critical Bibliotherapy—an emancipatory horizon, historicization of affects, non-reification of care, sustaining of negativity, and critical elaboration of experience—with the dialogical, aesthetic, formative, ethical, and political dimensions of conscious mediation. It is concluded that this reconstruction shifts care from adaptation toward emancipation.
Keywords: critical bibliotherapy; information mediation; reading; critical theory.

1 INTRODUÇÃO

Que noção de mediação sustenta o cuidado biblioterápico, e o que ela silencia? Essa pergunta não é retórica. Ela abre um desconforto que este trabalho pretende sustentar: a possibilidade de que os afetos mobilizados na experiência biblioterápica (medo, cansaço, desamparo, esperança, alegria) não se originem nem se esgotem na interioridade do sujeito, mas sejam atravessados por formas sociais de vida, regimes de desempenho, estruturas de poder que antecedem e excedem cada leitor particular.

Se a Biblioterapia se apresenta como prática de cuidado com o desenvolvimento do ser por meio da leitura (Caldin, 2010), importa interrogar que noção de sofrimento, de sujeito e de mediação sustenta esse cuidado. No discurso caldiniano, ela enuncia-se por formações discursivas associadas ao acolhimento, à afetuosidade e à positividade, com finalidade vinculada à moderação das emoções, à restauração do equilíbrio e ao bem-estar (Caldin, 2001a, 2009, 2010; Sousa, 2021). Essa orientação não deve ser recusada de modo simplificador: a dimensão cuidadora é constitutiva da Biblioterapia. O problema não está no acolhimento ou no alívio em si, mas quando essa gramática passa a privilegiar o apaziguamento.

A Biblioterapia reconhece, por vezes, dimensões sociais do sofrimento e perspectivas de reflexão, mas nem sempre as converte em uma prática orientada, sistemática, capaz de sustentar a mediação pelo princípio da emancipação. É dessa insuficiência que nasce a proposição deste trabalho: apontar os limites de uma racionalidade vigente e afirmar a possibilidade de uma Biblioterapia Crítica, cujo horizonte é emancipatório, orientada à elaboração crítica dos afetos, capaz de sustentar a negatividade da experiência e ampliar a nomeação de si e do mundo por meio da literatura.

A questão que orienta a pesquisa se estabiliza deste modo: como reconfigurar a mediação em Biblioterapia, deslocando-a de uma racionalidade terapêutica adaptativa em direção a uma Biblioterapia Crítica fundada na mediação crítica dos afetos mobilizados na

experiência de leitura? O objetivo geral deste trabalho é reconfigurar criticamente a categoria mediação em Biblioterapia. Busca-se, assim, ampliar o repertório conceitual disponível para nomear aquilo que a escuta biblioterápica frequentemente já pressente sem dispor ainda de uma praxiologia que o sustente.

O percurso analítico que opera esse deslocamento articula-se em quatro movimentos: a) examinar criticamente a racionalidade terapêutica presente no discurso de Clarice Caldin (2001a, 2009, 2010); b) mobilizar a produção social dos afetos e a sustentação da negatividade, como operadores que deslocam os afetos do campo da interioridade subjetiva para o campo das formas sociais de experiência; c) situar o prenúncio de uma mediação psicossociológica orientada à emancipação na bibliopsicologia; d) reconstruir a mediação biblioterápica, culminando em uma estrutura praxiológica de mediação crítica dos afetos, base para a prática de uma Biblioterapia Crítica.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de tipo bibliográfico, exploratório e teórico-conceitual, orientada por uma perspectiva crítico-reconstrutiva: parte do discurso central da Biblioterapia para deslocá-lo por meio de discursos externos ao campo biblioterápico, reconfigurando a mediação como base praxiológica de uma Biblioterapia Crítica. A leitura crítica incidiu sobre vocabulários, finalidades e pressupostos de mediação, mediador, sujeito, sofrimento e cuidado em cada conjunto discursivo, de modo a evidenciar continuidades, deslocamentos e rupturas entre os referenciais mobilizados. O procedimento articulou três operações: identificação da gramática de cuidado predominante no corpus, crítica imanente de seus limites e reconstrução categorial da mediação desde as tensões inscritas nessa própria gramática, e não pela aplicação externa de um modelo teórico. O corpus foi constituído por amostragem teórica, não probabilística, articulada aos quatro movimentos do trabalho. Cada autor ou grupo foi selecionado por centralidade discursiva, relevância teórica ou função analítica: os textos de Clarice Caldin, por centralidade discursiva na configuração de uma racionalidade prevalecente da Biblioterapia no Brasil; Safatle, Han e Adorno, pela relevância teórica de sua recusa, compartilhada, da positividade como horizonte normativo; Roubakine, pela função analítica de sua inscrição, já indicada por Saldanha em (Bezerra *et al.,* 2019), na genealogia dos estudos críticos em Ciência da Informação; e Almeida Júnior e Gomes, pela

função analítica do vocabulário praxiológico com que reconstroem a mediação como interferência (Almeida Júnior) e como mediação consciente em suas cinco dimensões (Gomes).

3 A MEDIAÇÃO NA BIBLIOTERAPIA TRADICIONAL: ACOLHIMENTO, BEM-ESTAR E POSITIVIDADE

Que cuidado se produz quando a leitura é convocada a aliviar? Quando se compreende a Biblioterapia como “[...] um cuidado com o desenvolvimento do ser por meio de histórias sejam elas lidas, narradas ou dramatizadas" (Caldin, 2009 p.204), torna-se necessário compreender a racionalidade que organiza esse cuidado. Há uma gramática que sustenta esse cuidado: termos como "acolher", "acalmar", "apaziguar", "aliviar", "sedar" e "equilibrar" nomeiam, recorrentemente, as finalidades da prática no discurso de Clarice Caldin, autora cujas ideias são as mais replicadas no campo, segundo estudos de revisão (Grieger; Pizarro, 2023; Rezende; Bedin, 2023). A Biblioterapia "[...] se preocupa com a manutenção ou a restauração do equilíbrio do ser total" (Caldin, 2009, p. 53), e "[...] seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas" (Caldin, 2001a, p. 36) estabelecendo na cena da mediação um sujeito compreendido predominantemente em sua dimensão pessoal de sofrimento, uma leitura orientada ao cuidado, e a expectativa de restauração de certo equilíbrio.

Esses elementos organizam uma racionalidade de recomposição subjetiva, sustentada em fundamentos aristotélicos e freudianos, de onde advêm as noções de identificação, catarse, projeção e introjeção, e na fenomenologia de Merleau-Ponty, cuja compreensão holística da integração entre corpo e consciência sustenta uma visão ampliada da existência humana (Caldin, 2010). O ponto crítico, contudo, reside no modo como esses fundamentos são apropriados no interior da gramática biblioterápica, convertendo catarse, chiste, e intercorporeidade em operadores de alívio, humor e expurgação da negatividade, deslocando sua potência crítica, ambivalente, de estranhamento e elaboração, para uma economia do equilíbrio, do apaziguamento e da positividade.

Essa mesma racionalidade delimita epistemologicamente o objeto Biblioterapia, quando Caldin (2001b) no esforço de diferenciar-se da prática clínica e, a um só tempo, das práticas pedagógicas e sociais da leitura, estas últimas mantendo compromisso formativo ou de engajamento social, firma quase que de modo positivista, a especificidade terapêutica da Biblioterapia na Ciência da Informação, vinculando-se a efeitos observáveis no sujeito. O preço

dessa delimitação é o desinvestimento da dimensão crítica, social e política da experiência leitora.

Emerge deste modo um tipo específico de mediação: afetuosa, sensível e positiva. É na perspectiva de integralidade do ser que Caldin dispensa formação especializada em saúde: basta "[...] uma visão humana que se importe com a pessoa" (Caldin, 2009, p. 72). A exigência epistêmica sobre o que é mediar cede lugar a um inventário de virtudes pessoais como "estabilidade emocional, boa saúde física, bom caráter, domínio de textos literários e embasamento teórico", estes últimos pouco especificados, e a uma intencionalidade de ordem moral e afetiva, não uma postura crítica diante da mediação como prática social: o “aplicador de biblioterapia” não se intitula terapeuta, mas lê, conta ou dramatiza histórias "com alguma intenção", porque pretende, com a leitura, "apaziguar as emoções do outro" (Caldin, 2010, p. 44). Em continuidade discursiva, Carla Sousa (2021) reitera essa gramática ao definir a Biblioterapia como "mediação afetuosa da leitura". A positividade opera como reforço dessa mediação “[...] as brincadeiras, o riso e o senso de humor permeiam as sessões de biblioterapia” (Caldin, 2010, p. 189) sendo reiterada a valorização do prazer, do entretenimento e de narrativas “leves e agradáveis”, de modo que, "caso aflorem sentimentos negativos, como desapontamento, inibição ou tristeza, caberia ao bom mediador contornar a situação com acolhimento e afeto", sintetiza Grieger (2023, p. 30). O mediador figura como facilitador implicado no acolhimento, não necessariamente na problematização das condições sociais que atravessam a experiência leitora: nessa gramática, o compromisso com a emancipação não se explicita como o compromisso com a positividade.

Nessa racionalidade, a Biblioterapia pode reduzir-se à instrumentalização do cuidado literário, coisificando o mediador em aplicador, o leitor, em sujeito a ser restaurado, e a leitura em tratamento a ser ministrado. A reificação, ou objetificação, é aqui entendida nos termos de Adorno (Bezerra *et al.,* 2019), como processo social no qual os sujeitos ignoram discursos naturalizadores de opressão e práticas que camuflam a subordinação, distanciando-os das condições sociais e históricas que os atravessam. Ou seja, os afetos permanecem em cena, mas despolitizados, menos experiências socialmente produzidas (Safatle, 2020) do que estados interiores a reconduzir a uma disposição positiva. Em vez de tensionar as estruturas produtoras de afetos e sofrimentos, a Biblioterapia pode, nesta perspectiva, reiterar uma racionalidade adaptativa.

A gramática do apaziguamento não designa apenas a recorrência de determinados termos: ela nomeia a articulação entre um vocabulário de acolhimento e equilíbrio, uma finalidade de recomposição subjetiva, uma concepção individualizada do sofrimento e uma compreensão da leitura como recurso capaz de restaurar o sujeito. Não se trata de descrever exaustivamente a pluralidade da Biblioterapia, mas de reconstruir criticamente uma configuração discursiva central. A pergunta que se impõe não é mais como pacificar os afetos, e sim um recuo epistêmico: como se originam? Em quê a natureza dos afetos implica no posicionamento do mediador?

4 PRODUÇÃO SOCIAL DOS AFETOS E SUSTENTAÇÃO DA NEGATIVIDADE

O que se perde quando sofrimentos e alegrias são tratados apenas como estados interiores? A discussão sobre os afetos não se inaugura como problema estritamente psicológico. Em Aristóteles, as paixões integram uma mediação civilizatória diante da degradação da pólis grega. Em Freud ([1921] 2013), diante da Primeira Guerra Mundial, a adesão das massas se tece por identificações libidinais. Em Adorno (1995), a barbárie de Auschwitz, na Segunda Guerra Mundial, exige interrogar a captura da sensibilidade pela indústria cultural. Em registros distintos, os três autores enfrentam uma mesma questão: como afetos, cultura e vida coletiva participam da submissão e da resistência à barbárie? Mesmo autores empregados como fundamentos conceituais da Biblioterapia não tomam o afeto como emoção isolada, mas como força que organiza vínculos, adesões e formas de subjetivação. É essa dimensão social e política, estreitada quando a Biblioterapia recebe os afetos apenas como conteúdos a apaziguar, que esta seção procura reorganizar.

É nesse horizonte que Safatle (2020, p. 15) afirma que “sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos”. Formas hegemônicas de vida produzem modos de sentir, desejar, temer, obedecer e buscar amparo, pelos quais os sujeitos aderem a determinadas possibilidades de existência em detrimento de outras (Campello, 2022; Safatle, 2020). O afeto não é, portanto, um estado psicológico privado, mas a forma pela qual o social se inscreve no corpo, na sensibilidade e na imaginação. Esses circuitos operam politicamente: Safatle (2020) mostra como o medo sustenta a obediência e reduz a política à gestão da segurança, pois o medo gera, assim, narrativas de demanda por cuidado e proteção, que o Estado faz parecer prover, a fim de manter o sujeito operando (Safatle, 2020). Por isso a Biblioterapia não deve abordar os afetos como meramente individuais: requer situá-los histórica

e socialmente, para que o medo não seja reconhecido como algo que nasce espontaneamente em si mesmo. Requer vigilância, pois demandas de cuidado, inclusive as que se satisfazem no encontro biblioterápico, podem operar como imobilização da capacidade transformadora do sujeito.

Han oferece a esse diagnóstico outra camada "a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho" (Han, 2015, p. 23). Nesse regime, o sofrimento é recodificado como falha individual, e o indivíduo torna-se empresário de si e gestor das próprias emoções para manter a produtividade (Safatle; Júnior; Dunker, 2021). Emerge, assim, um capitalismo da emoção, uma psicopolítica que aliena o sujeito de seu desamparo e exige dele felicidade, satisfação e produtividade (Han, 2018). Adorno (2002) adverte que a cultura é mediada pelo princípio da diversão, hostil a tudo o que não seja divertimento. A diversão é buscada como fuga ao trabalho mecanizado, na expectativa de recuperar condições para voltar a enfrentá-lo, mas fracassa, pois reproduz uma sucessão de operações reguladoras. No campo biblioterápico, o risco é preciso: ao individualizar os afetos e apressar a restauração do sujeito, a mediação pode reproduzir essa lógica funcional. Inscreve-se, assim, a possibilidade de que uma experiência estética como a literária, centrada na diversão, na alegria e na leveza, atue como dispositivo regulador de uma sociabilidade doentia.

Se a diversão pode regular o sofrimento antes que ele possa ser elaborado, o que está em jogo nessa elaboração impedida? As experiências de sofrimento funcionam como uma espécie de bússola, apontando fissuras entre a inserção social e a gramática com que nos nomeamos (Campello, 2022; Maia, 2022). Safatle (2020) contrapõe ao circuito político do medo a gramática freudiana do desamparo, perguntando-se por que o desamparo deveria ser evitado, se é precisamente dessa condição de não garantia que podem emergir a emancipação e a coragem de se apresentar diante das possibilidades da vida? O medo produz um corpo paranoico, voltado à defesa contra ameaças; já o desamparo cria abertura para laços sociais não pela união de interesses proprietários, mas por despossessão de nossos predicados e identidades rígidas (Safatle, 2020). Sustentar a negatividade, em uma mediação literária como a Biblioterapia, não significa fazer do sofrimento um valor em si mesmo, nem recusar o cuidado, o acolhimento ou a esperança. Significa impedir que a experiência negativa seja imediatamente neutralizada por uma linguagem de adaptação, superação ou positividade. A negatividade precisa ser sustentada porque nela pode haver uma pergunta ainda não formulada, uma contradição ainda não nomeada, uma recusa ainda não elaborada.

Essa abertura ao desamparo rumo à liberdade emancipatória não equivale, portanto, à recusa de toda esperança, mas da compreensão de uma esperança socialmente situada e esclarecida. A esperança em Freire (1987, p. 62) nasce do esclarecimento desalienado, de uma não reificação já nos termos estabelecidos: "[...] a esperança política substitui a desesperança das sociedades alienadas exatamente quando os sujeitos passam a ver com os próprios olhos e tornam-se capazes de projetar seu próprio futuro". A esperança em Freire é um afeto político.

Para que afetos possam ser narrados politicamente, atualizando a gramática do individualismo, sentidos e percebidos na sua origem social, eles precisam, segundo Maia (2022, p. 45) em diálogo com Campello (2022), "[...] de material simbólico disponível para articulá-lo, isto é, das pontes semânticas que tornam possível narrar a experiência vivida de modos distintos". Condições essas que um encontro de biblioterapia está em posição privilegiada de oferecer. Há, portanto, um trabalho social a ser feito na subjetividade, um amplo trabalho para o qual a linguagem literária é qualificada.

Esse trabalho não substitui a clínica psicológica nem exige que a Biblioterapia se converta em psicoterapia; exige que o mediador crie condições para que a Biblioterapia Crítica se torne espaço de compartilhamento de experiências, reorganização da linguagem para nomeação de experiências vividas. Nesta reconfiguração, a mediação biblioterápica encontra uma potência transformadora. O sujeito da Biblioterapia Crítica, portanto, não é apenas o leitor afetado pelo texto, mas um sujeito atravessado por circuitos sociais de afecção, cujos sofrimentos e esperanças carregam marcas históricas, políticas e simbólicas.

Começam a se delinear, aqui, os pressupostos praxiológicos de outra mediação biblioterápica. Se a produção social dos afetos exige sustentar a negatividade e recusar a reificação da experiência leitora, a pergunta seguinte já não pode ser apenas "que texto mediar?", mas "que mediação é capaz de sustentar, sem reificar, as dimensões psíquicas e sociais da leitura?". É nesse ponto que Roubakine retorna como prenúncio de uma mediação psicossociológica da leitura, posteriormente recolocada pelos estudos críticos da Ciência da Informação.

5 ROUBAKINE E O PRENÚNCIO DE UMA MEDIAÇÃO PSICOSSOCIOLÓGICA DA LEITURA

O que muda quando a leitura passa a ser compreendida como fenômeno psicossocial? A importância do teórico russo Nicolas Roubakine[1] está em formular pioneiramente essa compreensão mediada, da leitura. A partir de 1887, elabora a bibliopsicologia, ciência dos fenômenos psíquicos implicados nos processos de leitura. Inserido no contexto de opressão russa, orienta sua atuação, como polímata e bibliotecário, à emancipação das classes trabalhadoras, sendo, por isso, banido pelo regime czarista (Saldanha, 2019, 2024; Salomão; Bezerra, 2023). Para esse pesquisador o livro é, ao mesmo tempo, "o instrumento mais poderoso na luta pela verdade e pela justiça" e um artefato impotente por si só: sua potência transformadora está nas condições de recepção, no repertório do leitor e na realidade social em que a leitura ganha sentido (Salomão, 2025).

Para operacionalizar essa relação, Roubakine organiza uma arquitetura teórica marcada pelo positivismo de sua época, na qual a dimensão afetiva se mostra indissociável da transformação social e se expressa em leis específicas da bibliopsicologia. Em seu conjunto, essas leis buscam demonstrar que a leitura é um processo no qual o artefato lido atua como instrumento simbólico de "excitação" de fenômenos psíquicos latentes, e que a força de influência de um texto é determinada pela proximidade afetiva, emocional e pelas vivências compartilhadas entre a autoria e a pessoa leitora. Dentre esses princípios, destaca-se a Lei de Mach: o cálculo retórico-emocional da linguagem, operacionalizado pela seleção precisa das palavras para extrair a máxima utilidade das ideias e produzir efeitos estéticos, emocionais e racionais no leitor, dinâmica de onde deriva o uso da "linguagem das insinuações", trabalho de mediação semântica que viabiliza ao leitor nomear as mazelas de seu tempo (Roubakine, 1998 *apud* Salomão, 2025).

No método que denomina "reencarnação", Roubakine procura resolver a distância entre leitor e mediador por uma operação empática, conectando o mnéma do mediador, repertório psíquico-social, ao mnéma do leitor. Essa relação, a Biblioterapia Crítica exigirá deslocar para um plano menos mecânico, mas igualmente atento à escuta psicossocial.

[1] Os grupos de pesquisa Ecce Liber (Ibict-Unirio) e Gedii (Ufmg) dedicam-se aos estudos e à tradução do livro "Introdução à psicologia bibliológica", de Nicolas Rubakin, bibliófilo e bibliotecário russo, estudioso do campo da leitura e fundador da área de Bibliopsicologia. Essa tradução, contudo, não está acessível diretamente no momento deste trabalho.

Roubakine oferece, assim, um antecedente histórico para a mediação psicossociológica da leitura, orientada à consciência crítica. Aproxima-se da Biblioterapia ao reconhecer que a leitura mobiliza efeitos psíquicos, mas afasta-se dela porque, em Roubakine, esses efeitos dependem do meio social e orientam-se à emancipação, convocando o mediador a um "trabalho de revolta" contra as desigualdades (Salomão; Bezerra, 2023), distância que a racionalidade biblioterápica examinada neste texto não desenvolve com a mesma densidade. Sua contribuição precisa, contudo, ser delimitada: Roubakine não problematiza o cuidado, a negatividade ou as racionalidades terapêuticas adaptativas. Falta a essa antecipação, porém, um vocabulário praxiológico próprio à Ciência da Informação, capaz de transformar essa intuição em mediação consciente de seus próprios limites.

6 RESULTADO PRAXIOLÓGICO DA MEDIAÇÃO CRÍTICA DOS AFETOS

Que Biblioterapia emerge quando o cuidado deixa de ser paliativo e adaptativo? O percurso crítico-analítico trilhado até aqui abre, no interior de uma Ciência da Informação orientada à emancipação, uma fissura na racionalidade biblioterápica restrita à economia do apaziguamento e da positividade: o risco de operar como dispositivo regulador, devolvendo o sujeito, anestesiado e "equilibrado", às mesmas estruturas que o adoeceram. Desse deslocamento emerge a categoria central deste estudo: a Mediação Crítica dos Afetos designa uma forma de mediação da experiência de leitura na qual afetos socialmente produzidos podem tornar-se nomeáveis, interrogáveis e elaboráveis, como forma crítica de cuidado, sem que sua singularidade seja reduzida à gestão emocional ou à interpretação imposta. Não se trata de mediação crítica literária, nem de mediação afetuosa centrada no acolhimento, nem do acréscimo de uma dimensão afetiva a modelos já existentes. Ela decorre da mudança, conjuntamente, do estatuto do próprio afeto, da posição do sujeito, a função atribuída à leitura e a responsabilidade ética do mediador na prática biblioterápica. Trata-se, portanto, de uma reconfiguração da racionalidade mediadora, e não de uma técnica complementar de acolhimento ou de conscientização.

Para transitar do plano conceitual à práxis, essa categoria articula a crítica social dos afetos, as contribuições da bibliopsicologia, às dimensões da mediação consciente (Gomes, 2014, 2020) e à mediação interferente de Almeida Júnior (2015), explicitando cinco eixos fundamentadores de uma Biblioterapia Crítica, resultando em uma praxiologia na Mediação Crítica dos Afetos. A praxiologia é necessária porque a mediação é o lugar em que a

racionalidade de cuidado se torna ação. É no encontro entre mediador, leitura, leitor, linguagem, escuta e circulação de sentidos que se decide se a leitura será convocada prioritariamente para recompor, pacificar e adaptar, ou se poderá abrir nomeação, estranhamento, elaboração e ampliação de horizontes.

Sob influência da praxiologia da educação libertária de Paulo Freire (1987), Almeida Júnior (2015) define a mediação como ação de interferência: ao introduzir o conflito como elemento constitutivo, abre a desestabilização de certezas e novas necessidades de sentido. Adorno ([1949], 1995, 2002), Safatle (2020) e Han (2015, 2018) oferecem, por vias distintas, o mesmo recuo crítico: a recusa da pacificação imediata da experiência. A sustentação da negatividade encontra, na interferência, seu operador praxiológico.

A interferência de Almeida Júnior (2015) é condição necessária, mas Henriette Gomes (2014, 2019, 2020) reconhece que ela precisa de contornos: sem eles, pode converter-se em coerção. As cinco dimensões da mediação consciente, propostas pela autora, oferecem esses contornos, não em correspondência fixa, mas em interseção. Ao afirmar que o desenvolvimento do protagonismo social deve constituir o horizonte de toda prática informacional, especialmente da mediação, Gomes (2019) oferece um princípio decisivo para deslocar a Biblioterapia de uma racionalidade orientada prioritariamente à recomposição subjetiva para uma prática de cuidado comprometida com a elaboração crítica da experiência. Que apropriação a mediação crítica dos afetos pode fazer desse repertório, como interpelação do próprio afeto mobilizado na prática?

a) Horizonte emancipatório e a dimensão política: emerge quando mediador e sujeitos reconhecem o caráter político da ação mediadora (Gomes, 2014, 2019, 2020). Herdeira de Roubakine e do vocabulário da interferência em Almeida Júnior (2015), a mediação crítica dos afetos se orienta não ao apaziguamento, mas à possibilidade de esclarecimento e à apropriação crítica da palavra. Praxiologicamente, cabe ao mediador criar condições para tornar legíveis as amarras sociais, para que o mal-estar possa ser lido como inscrição histórica, não falha pessoal: práticas literárias não devem operar como consumo de bem-estar, mas como formação humana e abertura ao protagonismo social.

b) Não reificação do cuidado e dimensão ética: articuladora das demais dimensões (Gomes, 2014, 2020), a ética funda-se na recusa da violência interpretativa e na vigilância diante da linha tênue entre interferir e manipular: não converter a leitura em tratamento, nem o leitor em paciente, alienado do processo social de produção de seu sofrimento. O mediador interfere

sem expropriar a experiência do sujeito, recusa que a elaboração crítica seja exigida como resultado, respeitando os tempos, os silêncios e os limites da experiência compartilhada, não exigindo criticidade de quem não está disponível a ela: garante-se, assim, o direito inegociável ao desamparo, nos termos deste estudo, protegido tanto da captura pelo apaziguamento adaptativo quanto do esclarecimento imposto. O desejo do mediador de curar, apaziguar ou esclarecer precisa de regulação ética.

c) Produção social dos afetos e dimensão formativa: em Gomes (2014), a dimensão formativa compreende a mediação como reinvenção contínua, deslocando, no horizonte freireano, a curiosidade ingênua à curiosidade crítica. A produção social dos afetos e a imbricação psicossociológica de Roubakine recusam a separação entre interioridade psicológica e exterioridade política: os efeitos psíquicos da leitura são indissociáveis do meio social. Praxiologicamente, desloca-se a pergunta "o que sinto?" para "de onde vem o que sinto, e que história me produziu?", narrando inscrições sociais, raciais, de gênero e de classe, o que contribui para uma formação cidadã.

d) Sustentação da negatividade e dimensão estética: recusa à reconciliação apressada e à positividade como resposta fácil. Ancorada por Gomes (2014), a dimensão estética implica acolhimento sensível, não para dissolver a tensão, mas para criar condições de habitá-la. Na gramática de Roubakine, é um trabalho de escolha de palavras que "excitem" o esclarecimento no leitor: a linguagem das insinuações, para que os afetos possam ser estranhados antes de serem apaziguados. A negatividade aqui é também a possibilidade de estranhamento estético que o literário produz, e que sustenta o desamparo como fissura interrogativa do mundo.

e) Elaboração crítica da experiência e dimensão dialógica: para Gomes (2014), a dialogia torna exequível o exercício da crítica ao abrir incompletudes nos saberes estabilizados e possibilitar o encontro com a subjetividade do outro sem fusão ou subordinação. Em laço com o fundamento da sustentação da negatividade, e da dimensão estética, a literatura e o diálogo no encontro operam agora, como ato criador e como produção de pontes semânticas (Campello, 2022) para a nomeação de afetos estranhados, que ainda não haviam encontrado linguagem: narrativas possíveis para o que, no sujeito, permanecia difuso.

Essa articulação consolida-se como orientação praxiológica para o encontro biblioterápico — não um protocolo de intervenção nem uma sequência de procedimentos aplicáveis de modo uniforme, mas uma orientação reflexiva da prática mediadora. Seus eixos não prescrevem resultados nem definem o curso de cada encontro; oferecem balizas para

interrogar as racionalidades de cuidado em jogo, sustentar a negatividade da experiência, impedir que a leitura seja reduzida à adaptação subjetiva e preservar a singularidade do que ainda não encontrou elaboração.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que noção de mediação sustenta o cuidado biblioterápico, e o que ela silencia? O percurso exigiu interrogar a racionalidade que organiza esse cuidado: a gramática do apaziguamento, deslocada pela produção social dos afetos e pela sustentação da negatividade, prenunciada por Roubakine e reconstruída pelo vocabulário praxiológico dos estudos críticos em Ciência da Informação. Orientada prioritariamente ao alívio e à restauração do equilíbrio, essa racionalidade tende a reduzir o sofrimento à interioridade do leitor e a leitura à recomposição adaptativa.

A principal contribuição do trabalho é a proposição da Mediação Crítica dos Afetos como praxiologia da Biblioterapia Crítica, cujos eixos são: considerar a produção social dos afetos, manter o horizonte emancipatório, não reificar o cuidado, sustentar a negatividade e a elaboração crítica da experiência. Articulados às dimensões ética, estética, dialógica, formativa e política da mediação consciente, reconfiguram-se a mediação biblioterápica e a própria possibilidade de uma Biblioterapia Crítica: não como negação do acolhimento ou do alívio, mas como deslocamento de seu estatuto, de horizonte último da mediação a condição para um cuidado crítico e político. Sua aposta é produzir, pela leitura mediada, um espaço em que a experiência, os afetos, possam se tornar socialmente legíveis, e, talvez, fazer furo nas gramáticas que naturalizam o sofrimento como destino privado. Este trabalho oferece a essa práxis um primeiro desenho, a ser tensionado em encontros biblioterápicos concretos, onde o desamparo do sujeito leitor, ainda sem nome, poderá encontrar suas próprias palavras.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos de Jorge Mattos. Tradução de Julia Elisabeth Levy et al. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In:* BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M.; SALDANHA, Gustavo Silva (org.). **iKrítika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. 252 p.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001a. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32. Acesso em: 30 mar. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001b. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81866. Acesso em: 30 mar. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92575. Acesso em: 30 mar. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CAMPELLO, Filipe. **Crítica dos afetos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, 2014. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994. Acesso em: 30 mar. 2026.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion**: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644. Acesso em: 30 mar. 2026.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047.

GRIEGER, Leila Rosângela. **A biblioterapia como disciplina nos cursos de graduação em Biblioteconomia em instituições de ensino superior do Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/17951. Acesso em: 30 mar. 2026.

GRIEGER, Leila Rosângela; PIZARRO, Daniella Camara. Biblioterapia no Brasil: um panorama da produção científica no século XXI. **Biblionline**, v. 19, n. 3, p. 51-67, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4775.2023v19n3.66638.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica:** o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e sofrimento psíquico:** o mal-estar nas universidades**.** Rio de Janeiro: Ruptura, 2022.

REZENDE, Lívia; BEDIN, Jéssica. Panorama da pesquisa em Biblioterapia no Brasil: análise dos artigos indexados na Brapci (2018 a 2022). **Revista ACB**, Florianópolis, v. 28, n. 4, p. 1-25, 2023. Disponível em: https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/2070. Acesso em: 30 mar. 2026.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos:** corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 12, n. 1, 31 dez. 2019. Disponível em: https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/477. Acesso em: 30 mar. 2026.

SALDANHA, Gustavo Silva. Raízes de uma teoria da mediação psicossociológica em Ciência da Informação: a questão do "imediato" e do "mediato" em Nicolas Roubakine. **Informatio**, Montevideo, v. 29, n. 2, e201, 2024. DOI: 10.35643/Info.29.2.1. Disponível em: https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/article/view/478. Acesso em: 30 mar. 2026.

SALOMÃO, Amanda; BEZERRA, Arthur Coelho. Nicolas Roubakine pelas lentes de uma teoria crítica da informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v 33, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2023v33.67734.

SALOMÃO, Amanda. **Nicolas Roubakine (Rubakin) pelas lentes da biobibliografia**: horizontes praxiológicos para uma teoria social da leitura na e para a Rússia entre as décadas de 1880-1920. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) UFRJ. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1452. Acesso em: 30 mar. 2026.

SOUSA, Carla. **Biblioterapia & mediação afetuosa da literatura**. Florianópolis: [Edição da Autora], 2021.